

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Yohana Araújo Gargiulo

**A DIZIMAÇÃO INDÍGENA DESDE O PRIMEIRO CONTATO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Mateus Rezende de Andrade

Juiz de Fora  
2022

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Yohana Araújo Gargiulo, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201972030A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A DIZIMAÇÃO INDÍGENA DESDE O PRIMEIRO CONTATO**, desenvolvido durante o período de 19/07/2022 a 13/12/2022 sob a orientação de Mateus Rezende de Andrade, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Yohana Araújo Gargiulo**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# A DIZIMAÇÃO INDÍGENA DESDE O PRIMEIRO CONTATO

Yohana Araújo Gargiulo<sup>1</sup>

## RESUMO

A dimensão das populações ameríndias no período da conquista, é uma questão ainda em discussão, que afeta demasiadamente a relevância, relativa ou absoluta, das epidemias como causa do colapso demográfico. Ocultando, segundo outros autores, uma espécie de 'determinismo imunológico', absolvendo os emigrantes da responsabilidade e moldando formas de enfrentar problemas de saúde que se desenvolvem ainda hoje. A justificativa epidemiológica encoberta o modo de compreender as epidemias que afasta as particularidades ecológicas e sociais que, no mínimo, construíram o caminho da devastação demográfica. O propósito é investigar um pouco a relevância de se relacionar fatores distantes biológicos com causas próximas sociais e também políticas. Os assuntos do tráfico, da escravidão, da mestiçagem, do acesso à liberdade têm uma grande relevância histórica, social e cultural em que a demografia pode colaborar com novos aportes.

**PALAVRAS-CHAVE:** populações ameríndias, epidemias, emigrantes.

## 1. INTRODUÇÃO

Devido a complexa heterogeneidade e diversidade biocultural das populações, a dizimação indígena vista desde o primeiro contato é compreendida pelos metodologistas considerando os aspectos genéticos como a causa primordial, no entanto, também à argumentação que as causas biológicas e a relação entre o comportamento animal e a base física devem ser incorporadas. A teoria colonialista europeia buscou subestimar a importância das epidemias ou ornamentar com fatores sociais, econômicos e políticos. Como alguns historiadores interpretam o desdobramento das doenças epidêmicas, e de que aspectos a interpretação com categorias da biologia evolutiva, consegue contribuir para o entendimento sobre esse fato histórico?

As adaptações biológicas se desenvolvem junto com a concepção de que processos naturais ou artificiais, podem ser o precedente responsável pelo aprimoramento de estruturas funcionais, com finalidade adaptativa. A ideia de Darwin não é a realização de um homem, mas uma descoberta desempenhada por gerações que defrontaram contra o preconceito e o dogmatismo. Assim como quaisquer formas de vida, ele detém que o ser humano é também um objeto de estudo histórico e contingente da luta pela sobrevivência que se trava entre as espécies próximas e, principalmente, entre indivíduos de uma mesma espécie e de uma mesma população.

Desenvolvendo a teoria de como as espécies de seres vivos transformam-se a partir da aglomeração hereditária (histórica) das diversidades entre indivíduos. Já a variação individual, ele a interpreta como a matéria-prima da seleção natural e da evolução, manifestando a teoria a partir da sociedade de sua época, a evolução por seleção natural, reprodução da competitiva sociedade. O primeiro repetidor crucial é o gene, contribuindo para permanência da vida sobre a Terra, no decorrer das gerações, os genes transmitem a informação química e genética para a formação de novos corpos. Dawkins tenciona que os corpos de seres vivos, e em acrescento os seres humanos, nada mais são que elementos de sobrevivência para propagar genes que são muito mais duradouros que os indivíduos que transportam, e os transmitem, bem como as próprias espécies que compõem esses indivíduos.

Darwin não se remete totalmente com a teoria da herança genética, e sim com o encadeamento de modificações das espécies. O homem não sobrevive mais na natureza, mas em sociedade, em cultura, não é o fundamento dos genes que o norteia, mas uma lógica gravada em linguagem, qualquer que seja essa linguagem. Essas linguagens estabelecem relações em um ambiente que afasta a natureza selvagem e na

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: yohanaaraujo.gargiulo@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Mateus Rezende de Andrade.

condição transformam-se em civilizada e urbana. As mudanças culturais são a reconstrução de ideias e, sobretudo, de práticas que estão relacionadas a esses conceitos. Segundo muitos adeptos da “teoria dos memes”, o que é fundamental na cultura, aquilo mesmo que está na sua origem ou raiz, é a capacidade de imitação.

## 2. A RESISTÊNCIA GENÉTICA OU OBTIDA DOS EUROPEUS

As anomalias evolutivas podem ser transitórias ou espaciais, em vista disso quando ocorre uma determinada adequação evolutiva, que se manifesta em uma esfera específica, pode se compreender que situada em ambientes diferentes, sua eficácia pode decair. A migração humana, em contrapartida, desenvolve uma condição de desajuste espacial: “Migrantes introduzem doenças a populações que não as tinham previamente experimentado” (Stearns; Medzhitov, 2016, p. 225, tradução nossa). Patógenos oriundos de outras regiões acarretam surtos de mortalidade. Não se encontra um parâmetro à imunidade ou à resistência genética ou obtida, apenas a concepção de que populações humanas carregam consigo parasitos a outras populações que não os abrigavam até então, e que algumas destas populações são propensas às doenças provocadas por agentes etiológicos não conhecidos antes. O propósito é investigar um pouco a relevância de se relacionar fatores distantes biológicos com causas próximas sociais e também políticas.

A dimensão das populações ameríndias no período da conquista, é uma questão ainda em discussão, que afeta demasiadamente a relevância, relativa ou absoluta, das epidemias como causa do colapso demográfico.

“Varíola, sarampo, gripe, tifo, peste bubônica e outras doenças infecciosas, endêmicas na Europa, tiveram um papel decisivo nas conquistas europeias, dizimando muitos povos de outros continentes.” Diamond, 2009, pág. 77.

A circunstância é que aconteceu um colapso demográfico de populações de ameríndios, com isso, escolheram as epidemias como justificativa distante e suficiente desse colapso populacional. Ocultaria, segundo outros autores, uma espécie de ‘determinismo imunológico’, absorvendo os emigrantes da responsabilidade e moldando formas de enfrentar problemas de saúde que se desenvolvem ainda hoje. A justificativa epidemiológica encoberta o modo de compreender as epidemias que afasta as particularidades ecológicas e sociais que, no mínimo, construíram o caminho da devastação demográfica.

É primordial questionar por que as epidemias de multidão letais não surgiram nas Américas? A Partir de que micróbios elas poderiam ter se desenvolvido? [...] - Segundo Diamond (2009, p. 213). A produção consequente do controle de técnicas de agricultura, proporcionou às populações a criação de rebanhos, com relevância na alimentação e economicamente. Os animais manifestam suas doenças microbianas para os humanos e, no decorrer da história, as gerações humanas, foram sobrevivendo com esses mamíferos, desenvolvendo uma imunidade biológica, genética e característica, evolutivamente obtida.

Para David Cook, devido à situação sanitária predominante, e o agrupamento a bordo, a infecção pode contaminar mais viajantes, que podem propagar doenças ao desembarcar. De que maneira as epidemias podem ser consideradas como o motivo do colapso ou se necessitam ser complementadas pelas causas dos princípios sociais, como violência, fome e abalo moral e psicológico. Segundo Cook, a revelação desses documentos seria mais um pilar para a ideia de que epidemias seriam a causa primordial da dizimação de outras populações desde então (Sánchez-Albornoz, 2003; Cook, N., 2003). A dificuldade prossegue sendo sobre como explicar o repentino decréscimo das populações ameríndias, exposto pela interpretação das fontes, visto que as justificativas derivadas das ações humanas estariam sendo insuficientes para a dimensão do despovoamento.

Nas palavras de Jones (2016, p. 413, tradução nossa): “As narrativas que os historiadores contam sobre a história demográfica influenciam como nós pensamos sobre as desigualdades hoje, e isso pode ter uma

profunda consequência para a saúde da população e política de saúde”.

“Crosby, depois de considerar o mecanismo do solo virgem, concluiu que as altas taxas de mortalidade refletiam as terríveis condições de vida dos ameríndios, e não uma inerente falta de imunidade inata ou adaptativa” (Jones, 2003, p. 11, tradução nossa). Ainda assim, autores como Jones, Livi-Bacci e Henige concedem uma relevância política à atualidade sobre de que forma interpretamos os ocorridos do colapso dos ameríndios ao longo do século XVI, resultante das consequências na forma como entendemos as doenças hoje.

Assadourian (1989) renega o pressuposto da epidemia em solo virgem, evidenciando a função da política colonial em relação ao trabalho dos ameríndios nas minas de ouro e prata, dentre outras razões que colaboraram para o colapso demográfico. Muitos autores apontam que fatores sociais e políticos, tanto de guerras entre os próprios ameríndios, além de fome e sede, contribuíram para a suscetibilidade das populações ameríndias quando ocorreu o contato com doenças que outrora não existiam em seus territórios e como consequência, os ameríndios passariam a ser imunológica e geneticamente frágeis.

A interação entre natureza e cultura, entre gene e meio ambiente (no caso as condições moleculares específicas do núcleo da célula onde se encontra o gene), é cada vez mais compreendida como um processo em que nenhuma das partes determina e complementa o outro ou o todo, mas no qual a relação é de implicação múltipla no curso do tempo (Ridley, 2003).

Segundo Ridley, os seres humanos, e nossos cérebros são instrumentos de reprodução das ideias. O utensílio básico pelo qual uma ideia é configurada é a ‘imitação’, e que os genes se situam nos corpos da mesma forma que os memes para os cérebros humanos. Sendo um dos elementos significativos da modificação que a psicologia evolutiva trouxe foi especificando explorações da sociobiologia, considerando que o cérebro e a mente são modulares. Para impedir predadores, se alimentar, formar laços e amizades, suprir com a ajuda aos filhos e outros parentes, discursar com outras pessoas e escolher parceiros sociais, a seleção natural evoluiu a parâmetros específicos.

Na ocasião em que se diz, “os europeus estavam adaptados às doenças”, se usufrui da justificativa que remonta às origens e às transformações que vivenciaram as relações entre diversas populações humanas e diferentes populações de patógenos, com a finalidade das populações humanas de que se trata, obtivessem certa disposição (adaptado, ou não, a determinadas doenças).

## **2.1 A MARCA DO “DESCOBRIMENTO” NO BRASIL**

Os conquistadores e colonizadores desta terra que ocupava metade do continente sul-americano vieram de Portugal, um pequeno país com população reduzida, mas que deixou sua marca cultural e demográfica no Brasil. As grandes navegações se desenrolaram tendo miséria, doenças e morte como plano de fundo. A aventura marítima do “descobrimento” no Brasil, teve como consequência desse contato, colonos e povos indígenas, a expansão e criou várias doenças, por motivos biológicos e geográficos, tendo os indígenas como os mais atacados. Resultando com mudanças na organização social, política, cultural e espacial dos povos, com um número significativo de mortes. Entretanto, a ruína de certos grupos ameríndios contribuiu com a colonização europeia, simplificou a ocupação, o povoamento, aumento da imigração, proporcionando a expansão da agricultura e pastoreio.

Durante a segunda metade do século XX, precedeu reavaliação entre os estudiosos, que, além de reexaminar as altas conjecturas da população aborígina na época do contato, também respaldou a prevalência da epidemiologia como circunstância do declínio da população aborígine. A difusão da varíola, sarampo, tuberculose, a pluralidade de gripes e de outras patologias na população longínqua e não imunizada, estaria na origem da catástrofe. Em alguns casos, os tripulantes já embarcavam adoentados, e as

condições do navio contribuindo para a propagação entre os navegantes até a chegada ao litoral, e se difundindo entre os indígenas. Semanas confinados sob circunstâncias horrendas, em embarcações sujas, água podre armazenada, comida insatisfatória e racionada, decomposição de roupas, diarreias e desnutrição, a viagem marítima teve a vida humana indígena sendo subtraída sua cultura, crenças e seu modo de viver.

Apesar do escravismo brasileiro ter sido predominantemente com base no escravo africano, a relação dos portugueses com os índios se iniciou por meio do escambo, havendo resistência. Se tornando uma grande mão de obra para o começo da exploração, com o tempo, a igreja católica não queria mais que esse índio trabalhasse para os colonos, mas que fosse para as missões jesuíticas para serem catequizados.

Além do modo de vida ter sido constantemente alterado, é possível pensar também no sistema de concentração dos índios em grandes vilas, preparada pelos jesuítas para propiciar a doutrinação e a aculturação, que também modificaram as esferas de vida tradicionais dos indígenas. Aglomerando-os em aldeamentos ou com tribos distintas, não atendendo as condições de higiene, contribuindo para as doenças infecto contagiosas. Como a morte rodeava os aldeamentos, a perda incontável de nativos direcionava os jesuítas aos fracassos, muitos indígenas tinham o hábito de fugir dos aldeamentos, optando por morrer isolados. Além das opressões sociais e psicológicas, fez com rompessem com suas representações culturais.

O controle da epidemia, formas experimentais de tratamento e a alta disputa pelo domínio do trabalho indígena, são algumas das discussões dos investigadores. A correspondência de Maia da Gama em 1725, engloba seu relato em relação a epidemia de varíola ("bexigas") que afetou as capitanias do Grão-Pará e Maranhão desde o ano anterior. O governador julga que a epidemia tenha significado uma punição divina pelo modo inadequado, abusivo e ilegal com que os colonos escravizavam os indígenas. Dizendo que, seduzia-os com propostas de contrato e recompensa, as quais menosprezavam matando os que consideravam menos úteis ou mais aptos a oferecer resistência, escravizando sobretudo mulheres e crianças. Reduzidos ao cativeiro, os indígenas retidos ficam derivados da instrução na fé católica e sobreviviam em estado degradantes, providenciando a própria alimentação e permanecendo geralmente privados de vestimenta digna.

A carta não especifica se esses "feridos" se encontram em uma fase pré- sintomática ou se mesmo os notoriamente infectados distinguiam algum sentido em distanciar-se dos locais de convivência onde a epidemia estava em fluxo. Aceitando que já considerassem estar infectados, existe a hipótese que associam a doença ou sua demonstração mais aguda ao lugar onde pertencem inicialmente, e não, necessariamente, à infecção individual pelo contato interpessoal.

Também é retratado na escrita do governador a instabilidade alimentar, em particularidade do comprometimento da força de trabalho. A maior parte do relato é expondo o próprio empenho e consumo de Maia da Gama na diminuição dos efeitos deletérios do contágio. A escravidão de africanos emerge então como complementar, em escala muito menor, mas completamente coexistente, a aplicação da mão de obra indígena. Os escravos negros mostram-se, sobretudo, enquanto indivíduos, imunizados, ou ao menos mais resistentes à varíola, visto que naturais da África centro-ocidental, em que a doença já tinha circunstâncias endêmicas. Na esfera da solução à devastação causada pelo contágio, surge no relato, a demanda que se levantava a questão, dos momentos em que a região era afetada por uma epidemia e se evidencia a escassez de mão de obra, optar por importar mais africanos ou desleixar-se das exigências legais para obtenção de mão de obra indígena.

Sabendo que os senhores não tinham interesse em esbanjar seu precioso investimento, conclui-se que o trabalho de 14-24 meses repunha o capital investido na aquisição de um escravo; era preciso extrair o máximo do trabalho escravo em um número mínimo de anos para, ao cabo de cinco anos, assegurar a duplicação do investimento inicial (Schwartz, 1988, p. 41-42).

A composição demográfica da escravidão tinha uma estrutura em constante déficit, permanecia devido à constante restauração do estoque através do tráfico. Entretanto, quantitativamente, adquiriram intensidade mais pela contínua repetição, não é possível examinar a sua confiabilidade, pois transitam muitas variáveis,

por exemplo: a idade ao vir ao Brasil, o término da vida pela invalidez e doença ou morte, as alforrias, a imprevisível perda por venda ou fuga. Os números assumem dimensões diferentes quando um ou mais desses componentes são esquecidos ou à proporção de como são avaliados, substitui os grandes vazios evidentes por uma mortalidade iminente, compensada, em um parâmetro bem modesto, pelo declínio da reprodutividade. A conjuntura brasileira, se identifica mais com a forma caribenha: precisava de uma constante importação para nutrir o estoque existente. Contudo, quais eram os estados de vida dos escravos, sobretudo nas plantações, como se prosseguia a vida deles?

A incidência, a cada momento, de escravos enfermos pela doença aguda ou crônica, cegueira, deformidades, sequelas de traumas e acidentes – consequentemente recorrente em um ambiente árduo de trabalho – era muito alta (Stein, 1957; Viotti da Costa, 1982, p. 244). As circunstâncias de vida podiam se diferenciar muito conforme o anseio do proprietário, porém era o modo produtivo que as impunha. A mortalidade infantil e jovem, em uma comunidade que não estimulava a procriação e a família, e que impunha a mulher ao trabalho pesado era, por inferência, elevada.

Proporcionando também a expansão da agricultura e pastoreio, o abatimento das extensões de mata nativa, teve seus campos abertos, gerando meios propícios para a introdução de insetos hematófagos no Brasil, os principais transmissores da doença de chagas. Causando distúrbio digestivo inábil e cardiopatia. No período pré-colonial, com uma alimentação de carnes semi-cruas e mosqueadas, os nativos corriam um risco não só pela transmissão principal, mas também por via oral na propagação de doenças. Tendo em vista também a degradação ambiental, ocorrido devido ao corte intensivo da madeira, e seu acelerado esgotamento, levando os exploradores frequentemente para novos locais.

“Se a transmissão de doenças” aos ` europeus”pelos `` ameríndios” ocorresse, é provável que a dominação europeia fosse ao menos retardada. Mas por que isso, historicamente falando, não aconteceu? A resposta se encontra (...) nas condições seletivas específicas em que evoluíram os patógenos dos europeus e dos ameríndios.” (Waizbort,2018,p. 396).

Em posições de ameaça, os indígenas proporcionaram condições menores em relação aos europeus. Doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis, incorporam ameaças de contaminação a partir da América para o “Velho Mundo”, expandiu-se pela Europa a partir do período das grandes navegações. Denominada entre índios e colonos “corrimento do cano” e seus efeitos de provocar o abortamento e a esterilidade feminina.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redução populacional ameríndia, não é reduzida apenas pelos conflitos, guerras e transmissores patógenos, temos que restaurar as dimensões que essas moléstias causaram, não apenas a morte de pessoas, mas o fim de culturas, conhecimentos e saberes tradicionais. Se buscou evidenciar como investigadores de áreas distintas do conhecimento compreendem a relevância das doenças epidêmicas associadas ao colapso. Não é possível interpretar a ruptura populacional severa sem alusão às epidemias, refletir que as epidemias têm o potencial de serem devastadoras quando se deparam com condições sociais favoráveis, acarretadas pelo imperialismo e o colonialismo do europeu.

É necessário considerar que a consequência das novas patologias tende a amenizar com o tempo, devido aos desenvolvimentos de adaptação gradual e de seleção. Com a intenção de entender doenças da perspectiva evolutiva, precisamos ponderar que essas doenças “não” são a decorrência da seleção natural, mas sim, consideravelmente, o objeto de vulnerabilidades que as originam. A interpretação de cada uma das alterações biológicas é um ponto central desse entendimento, em conjunto com a ideia de que meios seletivos (naturais ou artificiais) podem ser causalmente consequentes pela evolução de estruturas funcionais, com objetivo adaptativo. Adaptações nos herdaram e transmitiram, pois nosso corpo, em toda sua complexidade, não é excepcional.

A historiografia da segunda metade do século XX mencionava as doenças infecciosas (especialmente a varíola) que teriam atingido em abundância os territórios ameríndios, solo ao que tudo indica virgem, em relação a esses agentes patogênicos, como justificativa quase total do colapso demográfico que devastou os ameríndios da Mesoamérica. Devemos considerar os efeitos do deslocamento, a interrupção da comunidade tradicional, a diminuição da mulher do polo reprodutivo, além de afetar a sobrevivência, reprimindo a reprodução e comprometendo a potencialidade de recuperação populacional. Portanto, atribuir a depopulação unicamente às patologias, pode ser compreendida como uma simplificação, podendo deformar a interpretação histórica da catástrofe demográfica dos índios brasileiros.

Quais foram os princípios mais importantes, ou em que dimensão e intensidade eles se misturaram? Em que parâmetro a privação da liberdade, a carga de trabalho, as patologias do continente, os regimes alimentares eram, individuais ou em conjunto, responsáveis por esse estado elementos? O processo da privação da liberdade, que delimita e obriga os comportamentos e que, no caso brasileiro, abate o companheirismo familiar e comunitário, dilacerando os contatos, é um processo institucional que priva o indivíduo e a comunidade, afetando não só fisicamente, mas psicologicamente.

Os assuntos do tráfico, da escravidão, da mestiçagem, do acesso à liberdade têm uma grande relevância histórica, social e cultural em que a demografia pode colaborar com novos aportes. Devido à importância do elemento africano na população atual e pela marca da abolição permanente da escravidão – realizada somente em 1888 – até então se faz presente. Diversos fatores tornaram a população brasileira uma abundante e complexa mistura de etnias, mais que uma sociedade com resistente separação entre os grupos. É possível argumentar que o Brasil é um país de amplas contradições e diferenças sociais, e que isto frequentemente se identifica com a subdivisão étnica. As distinções de cor, condição, língua ou de religião foram obstáculos frágeis para a mestiçagem entre grupos. Os aspectos demográficos e de poder que concedeu impulso à mestiçagem.

## REFERÊNCIAS

WAIZBORT, Ricardo. O debate inesgotável: causas sociais e biológicas do colapso demográfico de populações ameríndias no século XVI. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 921-941, set.-dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300012>.

WAIZBORT, R.: Social Theories and Biology: perspectives and problems of the introduction of the historical concept into biological sciences. História, Ciências, Saúde Manguinhos, Vol. VIII(3): 632-53, Sept.-Dec. 2001.

WAIZBORT, R. Notes on an approximation between neo-Darwinism and the social sciences. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 293-318, May-Aug. 2005.

WAIZBORT, Ricardo; PORTO, Filipe. Epidemias e colapso demográfico no México e nos Andes do século XVI: contribuições da biologia evolutiva. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.2, abr.-jun. 2018, p.391-407.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin ÍNDIOS, JESUÍTAS E BANDEIRANTES. MEDICINAS E DOENÇAS NO BRASIL DOS SÉCULOS XVII. Campinas 2009.



Almeida, Carina Santos. Vulfe, Ana O IMPACTO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO BRASIL MERIDIONAL: CONTÁGIOS, DOENÇAS E ECOLOGIA HUMANA DOS POVOS INDÍGENAS.

Dias,Camila.Wolmer,Arthur.A epidemia de varíola no Pará e Maranhão em 1724: contágio, contenção e força de trabalho.Revista de fontes, v. 08, n. 14 – Guarulhos, julho de 2021.

Bacci,Massimo.500 anos de demografia brasileira: uma resenha.Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, n.1, jan./jun. 2002.